

Santidade, hoje: ideal de vida ou fantasia? O sentido da santidade em Hans Urs von Balthasar e na Lumen Gentium.

Cezar Luis Morbach¹, Geraldo Luiz Borges Hackmann¹ (orientador)

¹*Faculdade de Teologia, PUCRS,* ²

Resumo

Vivemos em uma sociedade globalizada, industrializada, impregnada pelo consumismo, capitalismo, individualismo, egoísmo, indiferentismo, egocentrismo, hedonismo... e tantos outros “ismos” que aprisionam o ser humano, impedindo-o, por um lado, de viver sua verdadeira liberdade, e por outro, tornam-no “livre”, gerando, assim, certa contradição, senão relativismo.

Afirmar que o homem é livre significa dizer que possui a capacidade de tomar em sua mão seu próprio atuar, até o ponto de dizer verdadeiramente: é meu. Neste sentido a liberdade é a condição pela qual o homem se realiza como sujeito. Não designa simplesmente uma capacidade ou um direito, mas uma situação pessoal de maturidade que faça possível o exercício desta capacidade e deste direito. A liberdade não é somente um atributo da natureza humana e, como tal, presente em todo homem, mas um ideal, uma aspiração, uma conquista, cuja possibilidade radical todos encontram em si mesmos, mas que poucos realizam. Portanto, não pertence só à ordem do ser, mas também à ordem do “dever-ser”. Neste sentido, assim como o pensamento se manifesta e se realiza na palavra, a liberdade se manifesta e se realiza no atuar, sendo que o atuar humano se desenvolve à luz do conhecimento, quer dizer, da razão que manifesta a natureza das coisas. Assim sendo, a liberdade entendida como capacidade de atuar sabendo aquilo que se faz e porquê se faz, relaciona-se intrinsecamente com a responsabilidade.

Mas, para um número sem fim de homens, a liberdade “é fazer aquilo que se quer”, sem limites nem normas. Para estes tudo é permitido, pois o critério de discernimento é a própria pessoa: o homem é a medida de todas as coisas. É ele quem decide o que fazer, como fazer, quando fazer, onde fazer, com quem fazer... É a própria pessoa quem conhece e

determina o bem e o mal - se é que este existe para tais pessoas. Estas tornam-se “como deuses”.

Diante desta sociedade que supervaloriza o efêmero - dando-lhe ares de eterno -, que encontra na imanência seu fim último, na qual o homem é a medida de todas as coisas, sendo o tangível o critério de discernimento, torna-se inevitável uma mudança, inversão, na escala de valores. Como consequência, manifesta-se aquilo a que o Papa Pio XII já fazia referência no ano de 1940: a “crise do pecado”.

Porém, a “crise do pecado” está implícita em outra, cujas proporções são maiores e situação torna-se ainda mais alarmante devido às “maquiagens” e indiferença que lhe são impostas: a “crise da santidade”. Numa sociedade, cujas características apresentadas anteriormente tornam-se absolutas, a santidade é relegada à remota possibilidade de algumas poucas “beatas de sacristia”, quando não ao esquecimento.

Introdução

Perante uma sociedade que diviniza o hedonismo em suas mais variadas formas, que transforma a realidade utópica em utopia, na qual o efêmero ganha ares de eterno e onde reina o mito do “ser feliz”, inevitavelmente deve-se levar em consideração a “crise da santidade”, as consequências que decorrem desta quer no meio “eclesiástico” quer no meio “laico”, pelo fato de esta ser – ou dever-ser – apenas “para outros”, ou então, relegada ao esquecimento. Diante disto, pode-se perguntar: quais as causas da atual crise de santidade na e fora da Igreja? Quais os reflexos desta na vida interna da Igreja? E na vida social, política e familiar? Como falar de santidade em uma sociedade altamente “digitalizada”, hedonista, pluralista, capitalista, antropocêntrica,... para pessoas que ignoram ou desconhecem os valores cristãos? Como viver o chamado universal à santidade em um mundo que oferece um “sem fim” de possibilidades para “ser feliz”? De que forma os exemplos e o agir de outrem podem influenciar positiva ou negativamente na busca pessoal da vivência da santidade? Poderia uma linguagem positiva – pode – facilitar o diálogo, comparada a uma linguagem altamente negativa e proibitiva – não pode? Qual a compreensão de santidade no meio laico e no meio secularizado? De que forma os exemplos negativos no meio eclesiástico – pedofilia, abandono do sacerdócio, etc. - são uma agravante desta crise? Quais os “pré-conceitos” existentes referente ao tema da santidade da Igreja?

Frente a tais questionamentos, a presente pesquisa visa, num primeiro momento, resgatar o tema da santidade da Igreja, bem como a iminência deste chamado, desta vocação universal a partir, mais especificamente, do Concílio Vaticano II, a ênfase que recebe, bem

como as novidades apresentadas por este Concílio Ecumênico. Em um segundo momento, não de menor importância, tem-se por fim compreender a lógica do pensamento de von Balthasar, elucidando a “teoria da santidade”, sua importância e a possibilidade de passar da teoria para a prática. No terceiro e último momento procura-se elencar as biografias de modelos concretos de santidade, demonstrando de que forma estes viveram sua vocação universal e possibilidade – ou não - de justificar a teoria balthasariana através destes.

Metodologia

Levantamento bibliográfico, leitura e análise das fontes sobre: a santidade da Igreja e a “crise da santidade”, à luz do Capítulo V da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*; a “Teoria da Santidade” em Hans Urs von Balthasar e sua relação com a santidade da Igreja; exemplos contemporâneos de santidade: Beata Madre Teresa de Calcutá e João Paulo II. Por fim, uma síntese, onde constem os resultados da pesquisa bem como a confecção de um trabalho escrito, a ser publicado posteriormente.

Referências

AMARAL, Miguel de Salis. *Santidade e reforma da Igreja no Concílio Vaticano II*. Didaskalia. Lisboa, v. XXXVIII, Fascículo 1, p. 207-226, 2008.

_____. *Concittadini dei santi e familiari di Dio: studio storico-teologico sulla santità della Chiesa*. Roma: EDUSC, 2009. 436 p.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Sponsa Verbi*. Brescia, Trad. de Andrés Pedro Sánchez Pascual. 2 ed. Cristandad, 1964.

_____. *Gloria*. Trad. de Ganzo Gironés. Madrid: Encuentro, 1986.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 37-117.

DZIWISZ, Stanislaw. *Uma vida com Karol: em conjunto com Gian Franco Svidercoschi: memórias do secretário particular de João Paulo II*. Trad. Lucia Simonini. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 262 p.

FEINER, Johannes (Org.). *Mysterium Salutis*. Petrópolis: Vozes, 1974. 3 v. (Tomo 6).

KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja minha luz: a história e os escritos mais impressionantes da Santa de “Calcutá”*. Trad. Maria José Figueiredo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008. 399 p.

RIBEIRO, Clarita Sampaio Mesquita. *Mysterium Paschale: A quenesse de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004. (Coleção CES).